internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Democratas levam maioria na Câmara e no Senado

Presidente dos EUA diz estar 'disposto a aceitar os resultados'

/ ESTADOS UNIDOS

MANDEL NGAN/AFP/JC



Projeções não antecipavam uma derrota de Trump tão disseminada

O Partido Democrata conquistou a maioria nas duas Casas do Congresso nas eleições de meio de mandato desta terça-feira nos Estados Unidos. Com a contagem dos votos em andamento, a oposição ao presidente Donald Trump obteve 234 das 435 cadeiras da Câmara, contra 139 dos republicanos. No Senado, do total de 100 cadeiras, os democratas já garantiram ao menos 54, ante 44 dos republicanos.

Milhões de eleitores votaram nestas midterms, as eleições de meio de mandato, que devem mudar o equilíbrio de forças legislativas pelo resto do governo Trump. Com o indício de uma grande derrota para os republicanos, o presidente afirmou em sua rede social que seu nome não estava nas cédulas, mas que, se estivesse, seu partido teria vencido "de lavada".

Ainda na noite de terça, Trump declarou estar "absolutamente disposto a aceitar esses resultados" e preparado para trabalhar com a oposição. "Vamos trabalhar com os democratas e, sabe, estamos ansiosos para trabalhar com eles", afirmou. "Provavelmente chegaremos a um entendimento."

As projeções não antecipavam uma derrota republicana tão disseminada, inclusive em estados onde Trump venceu com ampla vantagem há apenas dois anos. No Senado, a margem para a vantagem dos democratas era pequena. O partido precisava defender todas as cadeiras que já ocupava antes da eleição e conquistar pelo menos dois estados que votaram massivamente em Trump em 2024: Alasca, Iowa, Kansas, Nebraska, Ohio, Carolina do Sul e Texas foram cotados como os mais decisivos.

No Texas, houve sucesso: o democrata James Talarico, 37 anos, conquistou uma cadeira pelo estado tradicionalmente republicano, após décadas de derrotas. Seu adversário, o procurador-geral republicano Ken Paxton, 63, recebeu centenas de milhões de dólares em doações do empresário Elon Musk.

Em Ohio e no Kansas, as disputas também favoreceram os democratas, com Sherrod Brown derrotando Jon Husted, e Adam Hamilton vencendo Roger Marshall, respectivamente. Em ambos os casos, os republicanos derrotados tentavam a reeleição.

Em Iowa, o democrata Josh Turek venceu a republicana Ashley Hinson e conquistou a cadeira até então ocupada pela também republicana Joni Ernst, que não tentou a reeleição. Na Carolina do Sul, o estado, ao longo da campanha, passou de "republicano sólido" para "tendência republicana". Um democrata não era eleito para o Senado no estado desde 1998 e, neste pleito, a democrata Annie Andrews superou a republicana Darline Graham.

O histórico das midterms joga contra os republicanos: o partido perdeu espaço em todas as eleições de meio de mandato desde a Segunda Guerra Mundial, com exceção de duas ocasiões. A aprovação de Trump está próxima de seus piores índices, em meio à insatisfação com a guerra contra o Irã, a alta dos combustíveis e o aumento do custo de vida.

Trump associa derrota à alta da gasolina e guerra no Irã

Donald Trump reconheceu que as consequências da guerra contra o Irã contribuíram para a derrota republicana nas eleições de meio de mandato, mas disse não se arrepender da ofensiva. Em sua primeira manifestação pública após a votação, atribuiu o revés sobretudo à disparada dos preços da gasolina provocada pelo conflito, e não à guerra em si. "Provavelmente essa foi a principal razão. O preço. Não a guerra, o preço", afirmou.

Ele alegou que não teve escolha ao atacar o Irã, citando o risco de o país desenvolver armas nucleares, e disse que já esperava um custo eleitoral. Segundo Trump, a ofensiva "valeu a pena" e alegou que, se seu nome estivesse nas cédulas, os republicanos teriam vencido. Ele afirmou ainda que o Estreito de Ormuz está aberto, que Washington faz "um ótimo trabalho" no Irã e que a guerra terminará "quando e lequiser que termine".

Com os democratas conquistando o controle da Câmara e do Senado, Trump disse que poderá se entender com a oposição, "a menos que eles queiram ser destruídos". Também advertiu que uma tentativa de impeachment contra ele "destruiria o Partido Democrata".

Questionado sobre o futuro do secretário de Guerra, Pete Hegseth, Trump afirmou que ele faz "um ótimo trabalho" e que não deseja tirá-lo do cargo. A declaração ocorre após a CBS informar que o presidente consultou assessores sobre uma possível substituição de Hegseth diante da derrota nas urnas.

Sobre a corrida à Casa Branca em 2028, Trump disse não saber quem disputará a indicação republicana, nem se o vice-presidente, JD Vance, será candidato. Mais cedo, Vance também havia atribuído o resultado à guerra contra o Irã. "Se você quiser argumentar que valeu a pena perder o Senado pelos próximos seis anos, faça isso. Diga que foi um preço que valeu a pena pagar", disse o vice-presidente.

Sete brasileiros são eleitos nas eleições de meio mandato dos EUA

Sete brasileiros foram eleitos ou reeleitos para cargos legislativos nas eleições de meio de mandato dos EUA. Segundo resultados divulgados ontem, eles representarão quatro estados: Flórida, Massachusetts, Connecticut e Nevada. Todos concorreram pelo Partido Democrata, que obteve vitória esmagadora contra os republicanos de Trump.

Na Flórida, o democrata Felipe Sousa Lazaballet, 40 anos, tornou-se o primeiro brasileiro eleito deputado estadual. Nascido em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, Lazaballet também será o primeiro imigrante abertamente gay a ocupar o cargo no estado da Costa Leste dos EUA. Ele foi para o país na adolescência e permaneceu em situação irregular por anos.

Massachusetts, que abriga uma grande comunidade brasileira, concentra o maior número de vitórias. Entre os reeleitos está Danillo Sena, que se apresenta como o primeiro imigrante brasileiro eleito para uma Assembleia Legislativa estadual nos EUA, em 2020. Nascido em Timbaúba (PE), ele foi beneficiado pelo programa Ação Diferida para Chegadas na Infância (Daca, na sigla em inglês), criado na gestão Barack Obama para regularizar a situação de quem chegou ao país ainda criança.

Natural de Ipatinga (MG), Priscila Sousa também manteve o assento na Assembleia. Ela havia sido eleita pela primeira vez nas eleições de meio de mandato de 2022. Mudou-se para os EUA aos 7 anos, obteve o green card em 2004, aos 16, e depois se naturalizou cidadã americana.

Rita Mendes, 42, nasceu em Conselheiro Pena (MG) e completa o trio de reeleitos. Deputada estadual desde janeiro de 2023, mudou-se para os EUA aos 12 anos. Advogada, já integrou o Conselho Municipal. Já a mato-grossense Lorena Betts venceu a disputa para uma cadeira na Câmara de Massachusetts, seu primeiro cargo legislativo. Trabalhava como enfermeira em Holambra (SP), quando surgiu a oportunidade de viajar para os EUA, em 2011, por meio de um programa de au pair.

Em Connecticut, Farley Santos foi reeleito para o Legislativo da cidade de Danbury, que tem uma expressiva comunidade brasileira. Ocupa o cargo desde 2023. Chegou ao país aos 7 anos e viveu inicialmente como imigrante irregular. É casado e tem uma filha.

Em Nevada, Elaine Marzola foi reeleita para a Assembleia estadual. Nascida no Rio de Janeiro, chegou a Las Vegas ainda criança, em 1984, com os pais. É formada em Direito pela Faculdade Thomas M. Cooley, na Universidade de Michigan.

Líderes mundiais expressam alívio e cautela diante do resultado

Líderes que tiveram atritos com o presidente dos EUA, Donald Trump, receberam com certo alívio a derrota do Partido Republicano nas eleições de meio de mandato, nesta quarta-feira (4), e passaram a projetar uma política externa americana menos combativa.

Entre políticos progressistas, o resultado foi visto como parte de uma tendência de retomada liberal no mundo, após reveses recentes de populistas de direita em países como Hungria, Brasil e Sérvia.

O primeiro-ministro social-democrata da Espanha, Pedro Sánchez, escreveu no X que os americanos votaram "contra o ódio, contra o machismo, contra a negação climática e contra os privilégios das elites". "Aconteceu no Brasil. Acabou de acontecer nos EUA. E acontecerá em breve na Espanha", disse Sánchez, que enfrenta eleição em 29 de novembro.

O chanceler da Noruega, Espen Barth Eide, afirmou que a maioria dos americanos teria enviado uma mensagem clara de que "já teve o suficiente do MAGA e agora quer um rumo diferente", acrescentando: "Chega de polarização".

No Reino Unido, o primeiro-ministro Andy Burnham disse esperar que o resultado leve Washington - e outras capitais - a focar no fim da guerra com o Irã, que impulsionou os preços dos combustíveis e virou fonte de insatisfação para eleitores.

Já os vizinhos dos EUA evitaram conclusões imediatas sobre um eventual impacto nas relações com Washington. "Devemos esperar para ver", disse a presidente do México, Claudia Sheinbaum. No Canadá, o ministro do Comércio, Dominic LeBlanc, afirmou que ainda não está claro se o resultado fortalece a posição de Ottawa nas negociações para reduzir a tensão em uma guerra comercial.